

## UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO SÉCULO XXI

*Monalisa da Silva*

*Secretaria do estado da educação de Santa Catarina*

*Uergs*

*monalisasilva@sed.sc.gov.br*

*monalisa-silva@uergs.edu.br*

*Eixo 7: Ciências Humanas*

**Resumo:** Este estudo traz uma reflexão sobre um novo olhar sobre a educação inclusiva no século XXI. Um dos principais objetivos deste estudo é a conscientização dos profissionais sobre como está nosso olhar, nossa escuta, nossos gestos, diálogos e a nossa atuação para a efetivação da inclusão nas escolas. Como metodologia foi buscado conhecimento sobre o assunto na área a partir de materiais publicados em livros, artigos, dissertações e teses, trazendo como aporte os autores como António Nóvoa, Paulo Freire, Francisco Imbernón, Miguel Arroyo dentre outros. Os resultados apontam que é possível confirmar que a educação inclusiva sempre foi pautada em um atendimento segregado, substituindo o papel da escola regular de ensino e que nesse momento é preciso assegurar um sistema educacional inclusivo com mudanças e inovações para o atendimento de todos os alunos independentemente de suas condições sejam elas físicas, intelectuais, sociais, emocionais, dentre outras.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva, Mudanças, Olhar humanizado.

### Introdução

Existe uma dicotomia nos estudos sobre educação inclusiva, apesar de ter sido pesquisada durante muitos anos, nos trazendo uma vasta literatura com diferentes conceitos, cujo sentido ainda tem sido muito distorcido, ainda não tendo atingindo o ápice da discussão e a solução dos problemas existentes.

A educação vive um tempo de grandes incertezas e de muitas perplexidades. Sentimos a necessidade da mudança, mas nem sempre conseguimos definir-lhe o rumo. Há um excesso de discursos redundantes e repetitivos, que se traduz numa pobreza de práticas. (António Nóvoa, 2011, p. 36)

Ainda vivemos tempos e caminhos de incertezas para educação inclusiva, apesar disto existe a necessidade da mudança de que Nóvoa nos alerta, para que possamos vivenciar um novo momento para a educação inclusiva, com novos olhares, novos sentimentos e novas práticas.

Educação inclusiva é o caminhar para uma escola aberta à diferença, onde todos possam fazer o seu percurso de aprendizagem independentemente das desvantagens de natureza biológica, sociocultural, psicológica e educacional que possa apresentar... (Marinho, 2007 apud CÉLIA REGINA, 2010, P. 24).

Nesse sentido, com o propósito de favorecer as discussões referentes ao tema ressaltamos que é preciso compreender a educação inclusiva para que de fato ela aconteça nas escolas, e que seja garantido o acesso no ensino regular para todos os alunos e sejam sempre acolhidos nas suas especificidades.

Ou seja, a educação inclusiva diz respeito ao acolhimento a todas as pessoas que apresentam alguma condição considerada como uma “diferença” ao padrão estabelecido socialmente como desejável ou “normal”, que foram historicamente excluídas da escola. (Célia Regina, 2010, p. 24)

Presenciamos nas escolas as inúmeras dificuldades encontradas por diversos alunos que apresentam algum tipo de diferença, sejam elas físicas, emocionais, biológicas, culturais, sociais, entre outras.

O processo de construção de uma escola inclusiva traz à tona a seguinte questão: “Poderá existir uma escola inclusiva numa sociedade que não é? É visível que as pessoas que apresentam variadas condições relacionadas à pobreza, etnia, deficiência, dificuldades de aprendizagem, opção sexual divergente da maioria e, outras diferenças enfrentam diversos obstáculos para permanecerem e terem êxito na escola. (Rodrigues, 2005, apud CÉLIA REGINA, 2010, P. 25).

Lembramos que mesmo Paulo Freire nunca tendo abordado profundamente este assunto, ou seja, se voltado a esta parcela da sociedade que apresenta especificidades singulares, é certo que os vários conceitos, princípios, discutidos e descritos nas suas obras, são pertinentes ao processo de inclusão escolar.

Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que inclusive me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste aluno ou aluna. (Paulo Freire, 2014, p. 141.)

Tudo isso exige do professor um olhar mais humanizado e sensível que seja capaz de reconhecer às problemáticas existentes nas salas de aulas, dedicando uma atenção mais amorosa.

“Toda a separação entre os que sabem e os que não sabem, do mesmo modo que a separação entre elites e o povo, é apenas fruto de circunstâncias históricas que podem e devem ser transformadas.” (Paulo Freire, 2019, p. 20.)

Estas circunstâncias históricas de separação conseqüentemente ocasionaram diversas vezes a exclusão de muitos alunos. Uma das propostas de transformação que a educação deve assumir

diz respeito à inclusão escolar. Para que em pleno século XXI possamos ter um novo olhar para a educação inclusiva é preciso que tenhamos novos gestos, novas práticas, novas atitudes.

"Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor [...]". (Paulo Freire, 2014, p. 43.)

"Este saber, o da importância desses gestos que se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar, é algo sobre que teríamos de refletir seriamente." (Paulo Freire, 2014, p. 44. )

Refletir sobre estes gestos dos professores que podem mudar o dia e quem sabe a vida de um aluno é algo que precisamos vivenciar nas escolas, secretarias municipais e estaduais de ensino do mesmo modo que os professores precisam estar preparados para atuarem com todos os alunos.

Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso, evidentemente, escutá-las e, se não as escuto, não posso falar com eles, mas a eles, de cima para baixo. Sobretudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me escutá-lo ou escutá-la. (Paulo Freire, 2014, p. 118).

Corroborando com Freire, aceitar e respeitar as diferenças é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar, se não escuto os meus alunos e alunas como posso conhecê-los, entendê-los, saber sua origem, sua bagagem, suas dores. Escutar, conhecer e entender os alunos é essencial para modificarmos conceitos antigos, vivências que ocasionam discriminação, exclusão e segregação e promover a construção de escolas inclusivas com êxito.

Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho- a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (Paulo Freire, 2014, p. 47.)

Trata-se de proporcionar oportunidades, garantindo-se a todos o direito de indagar, experimentar e expressar suas dúvidas, anseios, críticas e conhecimentos e não apenas transferir conteúdos e temáticas referentes ao seu componente curricular.

"Compreender e trabalhar a diversidade, conduzindo os alunos pelos caminhos da aprendizagem, e incluindo-os socialmente através do diálogo, constituem o desafio maior da pedagogia contemporânea." (António Nóvoa, 2011, p. 32).

No campo da educação fica difícil um discurso igualitário, o que é um reconhecimento de que a educação tem de ser igual a todos. Um direito público, humano. A escola, uma das instituições sociais igualitárias. Entretanto, sabemos que se temos legitimado um discurso igualitário em nosso campo de ação é um avanço, a realidade ainda não é tão igualitária. Por onde passa a igualdade escolar? Por conteúdos iguais, provas iguais, avaliações iguais, aprovações e reprovações iguais? Por que somos justos até na exclusão? Conteúdos únicos, provas únicas, domínio de conteúdos igual e teremos um sistema escolar democrático e igualitário? Se olharmos na epiderme do papel da escola sim, mas se cavacarmos um pouco veremos que a escola tem função mais subterrâneas e mais determinantes na vida e no trabalho, na produção e no poder, na manutenção ou superação das desigualdades. Miguel Arroyo, 2013, p. 184 e 185)

Por conseguinte, fortalece a ideia de que existem os discursos, leis e decretos sobre educação para todos, direito de todos e igual para todos, mas na prática ainda existem as desigualdades.

Abad e Monclús, comentam que não é possível propor uma reforma educacional sem pensar na formação dos professores responsáveis pela condução desta nova proposta. É unânime a constatação de que os professores não estão preparados para incluir alunos com NEE (Necessidades educacionais especiais), seus cursos de graduação não os preparam para isso e as poucas oportunidades de formação continuada também não. (ABAD e MONCLÚS, 1998 apud CÉLIA REGINA, 2010, p. 51)

Nesse sentido, com a intenção de contribuir com as discussões referentes ao tema ressaltamos que:

Quando falamos da formação inicial dos professores dos cursos de licenciaturas, entendemos que estes devem ser preparados de modo a compreender e assumir o processo de inclusão de alunos com NEE, sobretudo, na ocasião do planejamento e execução de suas atividades didáticas, com atenção à organização da sala de aula, aos materiais didáticos, à sequência e ao ritmo de exigência de realização das atividades, de modo a contemplar as diferenças apresentadas pelos alunos presentes em sala de aula, bem como interagir com os alunos com NEE, de modo a orientar seu processo de aprendizagem e promover sua socialização com os colegas de turma. CÉLIA REGINA, 2010, p. 54)

No tocante à formação docente lembramos a importância da formação permanente como sendo um elemento de extrema importância, onde os professores tem a oportunidade de estarem em constante aperfeiçoamento e refletindo sobre suas práticas.

Os futuros professores e professoras também devem estar preparados para entender as transformações que vão surgindo nos diferentes campos e para ser receptivos e abertos a concepção pluralistas, capazes de adequar suas atuações às necessidades dos alunos e alunas em cada época e contexto. (Francisco Imbernón, 2011, p. 64)

Um novo olhar sobre a educação inclusiva no Século XXI requer entendimento sobre as transformações existentes nas escolas, é preciso uma formação que prepare os professores para entender as mudanças que estão surgindo.

Para Arroyo, São os processos de ensinar – aprender mais complexos, e mais esquecidos nos currículos, na organização dos tempos e espaços escolares, na formação de professores (as). Aprendemos disciplinas sobre que conhecimentos da natureza e da sociedade ensinar e com que metodologias, porém não entra nos

currículos de formação como ensinar-aprender a sermos humanos. Falta-nos a matriz pedagógica fundante. Nosso perfil e saber de ofício fica truncado. (Miguel Arroyo, 2000, p. 55)

Arroyo sabiamente nos traz a questão que não entra nos currículos de formação como ensinar-aprender a sermos humanos, questão extremamente considerável para a educação inclusiva.

Para tanto, temos de compreender o que ocorre ante as especificidades relativas às áreas do currículo, às estruturas espaço-temporais que impedem novas culturas de organização à participação ativa da comunidade, à dinâmica e comunicação dos grupos, à escolarização pública, à veloz implantação de novas tecnologias da informação, à integração escolar de meninos e meninas com necessidades educativas especiais, ou ao fenômeno intercultural. Isso condiciona o conhecimento profissional a ser assumido: que tipo de profissional e de instituição educativa queremos para o futuro? Que formação será necessária? (Francisco Imberbón, 2011, p.40).

Considerando os apontamentos de António Nóvoa, Paulo Freire, Francisco Imberbón, Miguel Arroyo e Célia Regina convidamos todos a realizarem uma reflexão sobre as mudanças que precisamos discutir no Século XXI para a efetivação da educação inclusiva.

### **Conclusão ou Considerações Finais**

Para superarmos a exclusão escolar, as desigualdades sociais e as demandas existentes no cotidiano escolar, necessitamos adquirir a conscientização de estabelecermos vínculos e relações humanizadas, através do diálogo, da escuta e do olhar sensível principalmente na perspectiva da educação inclusiva. Que possamos nós termos um novo olhar mais humanizado e uma escuta mais sensível para realizarmos a educação inclusiva em nossas escolas. Sabemos que não existe um modelo pronto para as escolas seguirem e se tornarem inclusivas e que cada aluno tem suas individualidades, sendo assim, cada espaço escolar necessitará das suas próprias modificações, desde estruturas físicas, adaptações curriculares, como o acolhimento dos alunos independente de suas condições sociais, emocionais, econômicas, físicas, intelectuais, mas que todos sejam atendidos em suas especificidades. Os educandos tem direito de frequentarem as escolas comuns, e serem atendidos nas suas necessidades específicas, sendo respeitados e compreendidos em suas diferenças.

### **Referências**

ARROYO, M. G. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. 7º edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 45º ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 48°.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e incerteza.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NÓVOA, António. **O Regresso dos Professores.** 19º ed. Pinhais: Editora Melo, 2011.

VITALIANO, C. R. (Org.). **Formação de professores para a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais.** Londrina: EDUEL, 2010.